

Nome de mãe



COMPANHIA DAS LETRAS

Afonso Reis Cabral • Hugo Gonçalves
Jacinto Lucas Pires • João Tordo • Kalaf Epalanga
Mário de Carvalho • Miguel Araújo • Ondjaki
Ricardo Adolfo • Valério Romão

Índice

O QUE FICOU POR CONTAR Mário de Carvalho	9
UM HOMEM MUITO ALTO E UMA MULHER MUITO BAIXA ENTRAM NUM BAR Valério Romão	19
O VELHO ARTISTA João Tordo	33
MÃE DE GÊMEOS Kalaf Epalanga	47
VERÃO QUENTE Hugo Gonçalves	61
O NOME DA MÃE Jacinto Lucas Pires	75
MÃE, MADRE, MOTHER Afonso Reis Cabral	89
MAMA-SAN Ricardo Adolfo	99
HEITOR E A MÃE Miguel Araújo	109
QUEM DEUS INVENTOU Ondjaki	119

Mário de Carvalho



O que ficou por contar



As «mulheres sérias»,
os amores para a vida,
o recalque que tu me inculcaste
dos meus impulsos de jovem,
as oportunidades de viver
que tu me destruístes...

E enquanto os meus amigos
iam alegremente às putas ricas,
eu ficava agarrado à televisão,
a fazer-te companhia
e a guardar-me para a «mulher
séria», que é dela?,
que me calhasse ao caminho.



Aqui te eis, mãe, e eu ainda estupidamente saboreando a alforria do trato, «mãe», em lugar do tão remoto, carinhoso e obrigatório «mamã». Na última vez que te vi, tinham-te elas penteado com algum esmero, o cabelo apanhado ao alto, a figura sobressaindo da almofada, a lembrar uma elegância e um porte entranhados que a vacuidade do olhar e a lassidão do gesto mal desmentiam. Nem o estúpido tubo plástico aplicado ao recorte fino do rosto conseguia perturbar-te o sereno das feições. Sempre foste bela, mãe, para mim continuas bela, mais uma vez to digo, agora sem mo poderes perguntar, como era teu hábito, indiferente à minha turvação. Esses olhos que me pareceram parados, se calhar estavam a indagar, mais uma vez, sobre mim e para além de mim. E nem me olharam quando te brotou dos lábios um balbucio solto, leve, único, que se desprende como um soluço do corpo imobilizado e soçobrou, sem deixar sinal de recobro ou de sentido. Bem interpelei, em vários tons, bem me debrucei sobre ti, bem senti o desconforto do tipo aqui ao lado, que acentuou o fingimento de nada estar a ouvir, tão-só fitando a brancura da parede.

Hoje não. Nem penteada estás. As unhas foram cuidadas, mas os cabelos brancos espalham-se ao comprido pelos refegos da almofada e do edredão, num abandono de respirar sereno e conformado, um sono à meia-luz que não se deixa de todo interromper. Nem quando o estore foi verificado, vidros a darem para telhados abaixo, nem quando a minha mão alcançou a tua e sobre ela se deixou ficar, como tu me fazias

quando eu era pequenino e não falhava uma doença infantil. Calhando, era o meu gosto das experiências, malgrado gosto, já a dar de si.

Sim, minha querida, eu era curioso, mas escusava de saber tanta coisa e tão em pormenor em tão miúda idade. As chaves do minúsculo caixão, caixão de brinquedo, em que a maninha foi a enterrar foram-me mostradas por ti, uns pedacitos de metal minúsculo, presos a um cordão rosa, que, na tua tristeza, e por distração, agitaste perto do meu rosto. O pai, o trangalhadações do pai, impediu então que me levasses ao enterro. Chamou-me a si e abraçou-me rijo, na única manifestação de ternura que dele me ficou. E de firmeza, também. Acataste em silêncio. Alguém me levou a passear para o parque e me quis distrair, mas, à noite, ouvi um rumor e fui dar contigo a chorar junto ao berço vazio, que mais tarde seria desarmado e oferecido a um parente pobre, sei lá quem. Mas as pequenas chaves não mais saíram da gaveta da cómoda e tive de me confrontar com elas vezes sem conta, insinuando-se entre folhas de bloco, bibelôs partidos e velhos couros sem préstimo. Sempre que abria aquela gaveta, iam-se sobrepondo réstias de mal-estar a que eu – considero hoje – devia ter sido poupado. Falta de tacto, mãe? Não, tacto era o que não te faltava na convivência com terceiros, com as tuas amigas, ou outros. Comigo tratava-se, porventura, de um apelo mudo a uma comunhão de sentir que eu não desejava, mas a que, toda a vida, me tentaste sujeitar. Podia o cerco ser mais distante, ou mais colado; não deixava por isso de ser um cerco e, como tal, assinalado e sentido hoje.

Que me preferias vestido de menina, chegaste a dizer às tuas amigas e sem reбуço. Tiveste pena que eu não estivesse de saiazinha num casamento duma prima rica. Chegaste a vestir-me um vestidinho plissado e a mostrar-me ao espelho, num

quarto da casa alheia, no meio dos risinhos das criadas e das outras crianças. Creio que foi mais uma vez o pai quem me salvou. Alguém te chamou e, depois, tu vieste muito apressada, com cara de caso, substituir-me o traje, com alguma brusquidão.

Eu era um miúdo, mãe, um rapaz, pouco apreciador de regaços e beijos lambuzados. Cada frase com que tu, às vezes, me elogiavas, causava-me um profundo desconforto e embaraço. Eu sei que não era por querer. Mas existiam nós que tu não querias de forma nenhuma deslaçar, evitando as evidências. Eu gostava de jogar à bola na rua, nem que fosse com a bola de trapos dos miúdos da escola da Câmara, e tu retinhas-me em casa. Eu dirimia os meus interesses a soco, no caso de, bem ou mal, me sentir desafiado ou desfeiteado. Mas tu, ao saber de qualquer zaragata em perspectiva, apressavas-te a telefonar a mães e pais, transformando o que podia ser apenas uma contenda de caras esmurradas e nódoas negras quase em assunto de Estado. A coisa corria e, no dia seguinte, todos me olhavam de esguelha, no liceu, e rosnavam mofas. Tu oferecete-te para pagar um prejuízo qualquer que eu causei, um bolo no chão, quando eu poderia ter resolvido o caso à minha maneira, que era a dos demais rapazes com quem eu acompanhava. Não sei se um brio desta sorte ferido alguma vez se recompõe. Permaneceu uma marca em qualquer lado, razão para me lembrar. Mas também cá ficaram as tuas outras intromissões, mesmo as de que não estou agora lembrado.

Chegou a enfermeira e duas auxiliares. Pediram-nos que nos afastássemos, correram um cortinado em volta da cama. Eu ouvia-as a rirem-se e a galhofarem entre si. Era o menos. Mas houve uma outra coisa que não pude deixar que passasse em claro e adverti, quando saíam:

«Peço o favor de não infantilizarem a minha mãe. Esses diminutivos não são para aqui chamados. Não é nenhuma criança. Respeitem para serem respeitadas.» Uma das mulheres ainda fez menção de responder. Não lhe faltou a mão na anca. Olharam para mim e para ele, que fez um gesto vago, de ombro retesado. A enfermeira levou-as daqui. Em silêncio, felizmente.

Estás agora noutra posição, mãe. Mudaram-te o soro, vestiram-te outra camisa de noite. Voltada para cá, mal sinto o teu respirar, débil calor na palma da mão. E parece-me agora ouvir, muito ao de leve, o som de uma distante gotícula, exígua mas persistente.

Era tudo para meu bem, claro, foi para meu bem que me fizeste tanto mal, mamã. E punhas-te a sonhar alto nos momentos intermináveis em que me conduziás, no teu carro, para a remota piscina onde fazias questão de que eu aprendesse *crawl* olímpico, com todas as regras. Os outros moços da minha idade iam para a piscina da Câmara mais próxima e sozinhos, ou em grupos, todos aprenderam a nadar, de cambulhada com brincadeiras e bruços trapalhões. Mas comigo era outra coisa. A mãe preparava-me elevados desígnios e o meu estilo de brçada havia de fluir e impressionar em consonância.

Talvez isso só se tivesse verificado a partir de certa altura, porventura a morte da minha irmã, mas as relações entre ti e o pai vieram-se azedando. O pai foi estando largas temporadas fora, em «negócios» nunca cabalmente esclarecidos. Em casa, mal se falavam, à mesa, só por monossílabos. Mas, mãe, tu não devias ter-me chamado a essa contenda que era só vossa e muito vossa: «Queridinho, fazes um favor à mãe, fazes? Dizes ao teu papá que não gostas que ele maltrate a mamã. Olha, pergunta-lhe mesmo: ‘Papá, porque é que tratas a mamã tão

mal?’ Vá, vai lá e diz-lhe. ‘Já disseste, já disseste?’» Claro que eu não disse. E tu a não te aperceberes do sofrimento tão doloroso que me causaste com essa incumbência... Passei a evitar o pai, fugia quando ele vinha, aliás sempre distraidamente, abraçar-me. A verdade é que ele não fez perguntas. A bem dizer, estava-se nas tintas. Mas de todas as vezes que o via pensava e remoía no espírito as palavras que tinha de lhe dizer. Nunca fui capaz, e ainda bem. Mas tu não me poupaste, mamã.

Mesmo sendo eu muito novinho, ainda de bibe (horrível bibe!) tinha o senso moral suficiente para perceber que estava errado tu vasculhares as roupas e a carteira do pai, quando ele abandonava o casaco no cabide, leres-lhe os papéis, ou escutares a uma porta o telefonema que ele estava fazendo. Também não achava bem, nas temporadas cada vez mais longas em que o pai não se encontrava, aqueles telefonemas pontuados de risinhos, de «nãos» fingidos, cheios de «hoje não, amanhã se verá...». Eu tentava interromper, tomar-te a atenção, mas tu arredavas-me e continuavas esses telefonemas melados que eu, pelos anos fora, nunca soube, ou quis saber, aonde conduziram.

Mas não pude deixar de os balancear, anos mais tarde, com a tua conversa de amigas, ao chá, a versar sobre «mulheres sérias» e toda uma serrazina de meias-palavras a respeito de Fulana e Beltrana que não se sabiam comportar em termos. Embora eu depreendesse que todas aquelas mulheres «sérias» a sorver tão compostinhos golos de chá sentiam uma secreta inveja das outras que, porventura, conseguiram «comportar-se mal», o estereótipo da «mulher séria» ficou arreigado em mim.

As «mulheres sérias», os amores para a vida, o recalque que tu me inculcaste dos meus impulsos de jovem, as oportunidades de viver que tu me destruístes... E enquanto os meus amigos iam alegremente às putas ricas, eu ficava agarrado

à televisão, a fazer-te companhia e a guardar-me para a «mulher séria», que é dela?, que me calhasse ao caminho. Altos destinos... Pois sim.

Veio o médico sisudamente com uma enfermeira: «Saíam por um instante, por favor.» Não tardaram quase nada. Ainda a ajeitar o estetoscópio ao pescoço, o jovem médico fez-me sinal e chamou-me à parte: «O senhor é que é o filho, não é?» E, baixo, acrescentou: «Vá-se preparando para o pior...» Eu levantei o tom de voz, mudei de assunto, disse que a minha mãe estava a ser infantilizada, que merecia um tratamento de adulta e lhe fossem poupadas as falinhas de diminuição. O médico respondeu-me que isso não era com ele, era assunto de enfermeiros e auxiliares. Eu que utilizasse as vias próprias. «De resto» – acrescentou, apontando para o meu acompanhante –, «não creio que o senhor esteja nas melhores condições para fazer esse tipo de observação.»

Mas ao ouvir o que me pareceu ser uma débil tosse precipito-me para dentro do quarto. A mãe, na mesma posição prostrada, remove os ombros ao de leve, vem-lhe mais uma tossícula, quase inaudível, um leve e prolongado suspiro e retoma a imobilidade. Receio o pior, asseguro-me de que a ténue respiração está normalizada e deixo-me cair de novo na cadeira.

Perdoar-te, mãe? É tão difícil perdoar-te aquilo que só hoje eu mal ousou formular... Um catraio não tinha que estar informado de tudo. As coisas têm o seu tempo. Não precisava de saber que as mulheres adultas, mãe e amigas, abaixo do umbigo não mostravam aquela lisura de pele e elegante boleio fendido, levemente rosado, das minhas primitas na praia, antes um triângulo escuro, mágico, porventura maligno, que captava e aprisionava os olhares.

Menos precisava de saber, então, que as mulheres têm ciclos e vê-lo demonstrado pelos lances de vermelho vivo que me eram apontados, com um trejeito de à-vontade, na louça sanitária. Educação descomplexada, moderna? Eu não merecia ser submetido a essa prova, não. E se tu mereceste tê-la apresentado, mãe, reservo o meu perdão. Lamento.

Eu também não quis estar, tão jovem, no órgão superior daquela grande empresa, a fazer conversa com uns senhores engravatados, de fatos cuidadosamente escolhidos, que, ao almoço, casacos desapertados, contavam facécias e anedotas porcas, a ver qual mais dava.

E porquê Direito? Foste tu quem me matriculou, à pressa. Ainda eu estava indeciso, eras tu a fechar-me os caminhos. Barafustei, mas tu aguentaste. O pai felicitou-me com um telegrama vindo do Canadá, ou do fim-do-mundo por onde ele andava. Sempre distraído. Nunca mais soube dele. Lá me tornei especialista naquilo. Operações financeiras, quanto mais complexas mais compensatórias. Pode-se ser especialista em dada matéria e odiá-la? Pode, sim, em mim tens a prova provada.

Entreabres os olhos, estremecem-te as pálpebras como que encandeada. Mãe, mãe! Sou eu. Estou aqui, mãe! Diz-me qualquer coisa, mamã. Já não é altura, pois não? Os olhos de novo cerrados e tu, tranquilamente, regressas para dentro, pairando em ontem...

E se fosse só aquilo, mãe... Não tinhas que contar às minhas amigas, rindo-te, os enredos da banda desenhada que me oferecias e lias em primeira mão. Eram as minhas coisas. Nem devias ver os mesmos filmes e o mesmo teatro. Nem vir-me tapar, em adulto, quando eu estava doente. Era a minha vida, só minha.

Figura central na vida de todos — pela presença ou pela ausência —, a mãe é o mote para esta antologia de contos inéditos




Nome de mãe reúne, num único volume, alguns dos escritores mais expressivos da ficção em língua portuguesa: um livro que acolhe e expande a multiplicidade de papéis que a figura materna desempenha desde sempre, seja no espaço público de quem a rodeia, seja na vida íntima e no imaginário dos seus filhos.

Aqui encontramos uma mãe que dá à luz entre estranhos e não reconhece o seu bebé; uma mãe apanhada nas malhas de um conflito armado; uma mãe abnegada que um dia se liberta sexualmente de forma inesperada; uma mãe que vive a doença com o filho à cabeceira; uma mãe a quem a demência destrava a língua e enevoa a memória; uma mãe moribunda que desencadeia uma reflexão retrospectiva acerca da vida; uma mãe-avó-Velha que, num ambiente onírico, tenta fazer sentido da existência; uma mãe que apenas é encontrada pelo filho depois de morta e que passa a acompanhá-lo como um fantasma; uma mama-san que educa as raparigas do seu bordel para o mundo lá fora; uma mãe que vive no pânico de que o seu filho morra, cumprindo, por isso, rituais asfixiantes.

Oscilando entre o comovente, o memorialístico, o filosófico e o humorístico, estes contos dão um nome diferente a cada uma das mães que retratam, e revelam assim a impressão digital dos seus autores. Uma antologia que é porta de entrada para universos distintos, onde a casa de partida é um lugar mental e afetivo reconhecido por todos os leitores.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
 @penguinlivros
 companhiadasletrasportugal

ISBN 9789896659110



9 789896 659110 >